



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JACSON DE JESUS DA SILVA

**O LIMIAR DA DOR E SUAS FORMAS DE TOLERÂNCIA NO FUTSAL FEMININO:
IMPLICAÇÕES DA COVID-19**

JOÃO PESSOA - PB

2024

JACSON DE JESUS DA SILVA

**O LIMIAR DA DOR E SUAS FORMAS DE TOLERÂNCIA NO FUTSAL FEMININO:
IMPLICAÇÕES DA COVID-19**

Texto apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha

JOÃO PESSOA – PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586l Silva, Jacson de Jesus da.

O limiar da dor e suas formas de tolerância no futsal feminino: implicações da Covid-19 / Jacson de Jesus da Silva. - João Pessoa, 2024.
34 f.

Orientação: Iraquiton de Oliveira Caminha.
TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Limiar da dor. 2. Futsal feminino. 3. Covid-19.
I. Caminha, Iraquiton de Oliveira. II. Título.

UFPB/CCS

CDU 616.8-009.7:796.332(043.2)

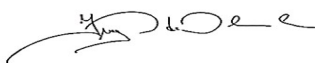
JACSON DE JESUS DA SILVA

**O LIMIAR DA DOR E SUAS FORMAS DE TOLERÂNCIA NO FUTSAL FEMININO:
IMPLICAÇÕES DA COVID-19**

Texto apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em: 24 de outubro de 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha
Orientador (DEF/UFPB)

Documento assinado digitalmente

gov.br

JOAO MIGUEL DE SOUZA NETO

Data: 05/11/2024 11:01:00-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Me. João Miguel de Souza Neto
Avaliador (PAPGEF/UPE-UFPB)



Prof. Laís Vitória Pinto Barros
Avaliadora (PAPGEF/UPE-UFPB)

A minha preta velha, Florisa Maria, e a todo o povo do gueto que segue resistindo, dedico.

AGRADECIMENTOS

Durante toda essa longa e cansativa trajetória, a vida se encarregou de colocar no meu caminho pessoas que fizeram de mim, mais humano, amigo e grato. Não imagino esse fim, sem a amizade e os conselhos da minha mãe Florisa Maria, sem o companheirismo e lealdade da minha amiga/irmã Karolina Sayonara, sem a companhia e paciência do meu companheiro Djalmir dos Anjos, sem os companheiros de caminhada do Centro acadêmico de Educação física e sem a ajuda e incentivo do meu orientador Iraquitan Caminha. Vocês foram a fonte de onde eu retirei forças para continuar. Me tornei plural com vocês, muito obrigado!

Quando eu vim do sertão, seu moço, do meu Bodocó, a malota era um saco e o cadeado era um nó. Só trazia a coragem e a cara, viajando num pau-de-arara, eu penei, mas aqui cheguei. (Luiz Gonzaga)

RESUMO

A rotina dos/as atletas é constantemente marcada por sensações dolorosas que, ao mesmo tempo, limitam o desempenho e funcionam como um componente avaliativo de sua capacidade de permanência no esporte. Objetivo: Compreender as percepções e limiares que as atletas possuem sobre o fenômeno da dor do ponto de vista físico e psíquico, considerando as relações entre performance, lesão e motivações para permanência no esporte. Metodologia: Pesquisa de natureza qualitativa, composta por 10 atletas de futsal feminino da UFPB. Teve como instrumento a entrevista semiestruturada e como técnica de análise a Análise do Discurso, proposta por Orlandi (1999). Resultados: Os limites físicos e psíquicos das atletas, relacionados com suas dores, são sempre compreendidos de forma subjetiva, alinhavados pelos afetos/desafetos e pelas implicações do sentimento de perda/derrota. Conclusão: Considerando o corpo como uma produção sociocultural e não meramente biológica, o fenômeno da dor torna-se um fator que modula nossa existência e nossas vivências.

Palavras-chave: Limiar da dor; Futsal feminino; Covid-19.

ABSTRACT

Athletes' routine is constantly marked by painful sensations that, at the same time, limit performance and function as an evaluation component of their ability to remain in the sport. Objective: To understand the perceptions and thresholds that athletes have regarding the phenomenon of pain from a physical and psychological point of view, considering the relationships between performance, injury and motivations for remaining in sport. Methodology: Qualitative research, composed of 10 female futsal athletes from UFPB. The instrument was the semi-structured interview and the analysis technique was Discourse Analysis, proposed by Orlandi (1999). Results: The physical and psychological limits of athletes, related to their pain, are always understood subjectively, based on affections/disaffections and the implications of the feeling of loss/defeat. Conclusion: Considering the body as a sociocultural production and not merely biological, the phenomenon of pain becomes a factor that modulates our existence and our experiences.

Keywords: Pain threshold; Women's futsal; Covid-19.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	.11
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	.14
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	.16
Categoria I - Perfil sociodemográfico e motivações para a prática esportiva.....	.16
Categoria II - O sofrimento e a dor como forma de expressão da performance no futsal feminino.....	.18
Categoria III - O limiar da dor e suas implicações físicas, emocionais e psíquicas.....	.20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	.23
5 REFERÊNCIAS.....	.25
6 APÊNDICES E ANEXOS.....	.27
Apêndice I: Roteiro de entrevista semiestruturada.....	.27
Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	.28
Anexo II: Declaração de participação em grupo de pesquisa.....	.29
Anexo III: Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	.30
Anexo IV: Normas da revista.....	.33

1 INTRODUÇÃO

A dor é definida, segundo a Associação Internacional para Estudos da Dor (IASP), como uma “experiência sensorial e emocional desagradável associada ou relacionada à lesão real ou potencial dos tecidos”. Partindo desse entendimento, podemos observar que esse conceito está fortemente associado a aspectos objetivos e subjetivos que permeiam a vida de quem a sente. No âmbito das ciências da saúde, o fenômeno da dor é caracterizado, sobretudo, por um viés fisiológico e quantitativo, que visa entender a dor como um mecanismo de informação do sistema nervoso, referente a um possível desequilíbrio orgânico ou à ocorrência de lesões.

De fato, a dor possui essa função, porém não se limita a essas interpretações. A dor possui um intenso componente sociocultural e apontam para a necessidade de pesquisas que abordem esse fenômeno a partir das narrativas pessoais de quem, de alguma forma, convive com ela. Dessa forma, a dor vem se mostrando um interessante objeto de estudo à medida que considera as mais diversas experiências, a fim de contribuir para o entendimento da dinâmica social em que se insere. De acordo com Moura et al. (2013, p. 2): “Sob o ponto de vista das relações sociais, surge a necessidade de expressar à coletividade a sua existência”.

Entende-se que a cultura influencia tanto a forma como o sujeito percebe e responde à experiência dolorosa quanto a maneira de expressá-la. Assim, cada cultura ou grupo social possui uma maneira própria de reagir e comunicar seu sofrimento. Nessa perspectiva, Le Breton (2007) busca ampliar o entendimento sobre a dor por meio de uma abordagem antropológica, evidenciando seus múltiplos significados e usos sociais ao longo da história. Segundo o autor, “na construção de um mundo humano, de significados e valores acessíveis à ação do homem, a dor constitui, sem dúvida, um pilar essencial” (LE BRETON, 2007, p. 15).

A educação física, com suas bases historicamente alicerçadas sobre uma visão biologicista do corpo, busca responder às sensações por ele sentidas sob um ponto de vista orgânico, amparando seu discurso em mecanismos fisiológicos e tornando as sensações experimentadas pelos sujeitos um produto oriundo de reações químicas que ocorrem no organismo. A origem desse discurso, segundo Le Breton (2007), está na filosofia cartesiana, que nega a concepção aristotélica de dor enquanto emoção para tratá-la como sensação produzida pela maquinaria corporal. A dor pode ser considerada apenas como uma experiência de ordem orgânica sem a devida compreensão de sua natureza psíquica e social. A visão cartesiana do ser humano separa corpo e alma. Com base nessa perspectiva, a dor seria apenas fruto de um sofrimento vivido a partir de uma lesão física. A gênese da dor não é apenas física, mas também psíquica e social.

Nesse contexto, a dor pode ser compreendida como uma reação afetiva a uma perda (NASIO, 2008). A dor não é apenas um sofrimento vivido, mas a marca de um desamparo que desequilibra a existência de qualquer ser humano. Esse desamparo é experienciado de uma forma que parece haver uma distinção entre a dor física e a dor psíquica. Quando se sofre um acidente e há uma fratura, temos um exemplo de dor física. Mas, se você perde repentinamente um ente querido, estamos falando de dor psíquica (NASIO, 2008).

Transportando essas considerações para o mundo do esporte, podemos dizer que um atleta pode sofrer uma lesão decorrente de uma execução malsucedida de um fundamento do esporte. No entanto, ele também pode sentir uma dor profunda em função de uma derrota ou de um erro na realização de um movimento.

Essas duas situações estão muito presentes no futsal. Existe a sensação dolorosa e a emoção da dor. Há uma diferença entre as sensações dolorosas derivadas de mecanismos neurofisiológicos e o modo de viver a dor de um sujeito. Temos o desafio de compreender o fenômeno limite entre a dor física e a dor psíquica e mostrar que não se pode estabelecer um limite preciso entre uma e outra. Nossa intenção é buscar em Nasio e Le Breton uma forma de compreender a dor no contexto do esporte no limite entre o somático e o psíquico, considerando a subjetividade e a convivência social. Além desses dois autores, faremos uma leitura do clássico da literatura da dor, *De la Douleur* (Da dor), de Buytendijk (1951).

A ideia é pensar em uma antropologia da dor considerando o esporte. Nesse sentido, a dor também pode ser interpretada como um valor produzido dentro de um contexto histórico e social. Estudar o limiar da dor e suas formas de tolerância, bem como o sofrimento e a dor como forma de expressão estética no contexto da prática do futsal feminino, pode nos levar à elaboração de uma compreensão da dor como uma leitura sociocultural do desamparo humano por meio do esporte.

Portanto, além das explicações orgânicas, a dor pode ser compreendida como uma luta íntima contra o sofrimento e, ao ser controlada pelo esportista, torna-se a matéria-prima da obra que ele realiza com seu corpo (LE BRETON, 2007). Ela passa a ser um sacrifício que o atleta consente visando alcançar uma boa colocação ou um recorde, um corpo a corpo consigo mesmo, representado pela disputa interna com a tentação, por vezes irresistível, de se relaxar e experimentar o êxtase provisório do desmoronamento (LE BRETON, 2007).

Sabendo-se que a dor não se restringe a quem sofre enfermidades e que alcança todos os seres como condição de existência, um grupo em particular chama a atenção em relação aos significados atribuídos e às formas de resistência à dor: os atletas e praticantes de esportes de alto rendimento. Segundo Silva, Rabelo e Rubio (2010), a dor é uma presença constante nos atletas de alto rendimento e, muitas vezes, representa uma condição necessária para a superação de limites e melhora no desempenho atlético. Logo, a rotina dos atletas é constantemente marcada por sensações dolorosas que, ao mesmo tempo que limitam o desempenho, funcionam como um componente avaliativo de sua capacidade de permanência no esporte.

Após todo o exposto, **objetivamos**, neste artigo, compreender as percepções e limiares que as atletas possuem sobre o fenômeno da dor do ponto de vista físico e psíquico, considerando as relações entre performance, lesão e motivações para permanência no esporte. Mais especificamente, investigaremos as dificuldades relacionadas à dor enfrentadas pelos praticantes para permanecerem no futsal e suas motivações, além de analisar as técnicas, estratégias e dispositivos que utilizam para amenizar a sensação de dor.

Este estudo se justifica do ponto de vista acadêmico e social por considerar a importância de se pesquisar a dor no âmbito do esporte por uma perspectiva ampliada, não se restringindo às implicações fisiológicas, mas levando em conta também as implicações sociais e psíquicas, visto que esse conglomerado de elaborações a delinea como um fenômeno que pode impactar nos limites da performance, na saúde mental, na ocorrência de lesões, na possibilidade de overtraining¹ e no abandono precoce do esporte. Possibilitar a escuta das atletas para que elas descrevam suas experiências com as mais diversas dores é uma oportunidade de construir um quadro de significações entre dor, corporeidade e desempenho esportivo.

Consideramos que este estudo pode auxiliar na compreensão do fenômeno da dor e do sofrimento por uma ótica singular, visto que foi impactado e alinhavado por um contexto histórico e social marcado por perdas, medos e inseguranças, a saber: o isolamento social provocado pela COVID-19. Para fins de contextualização: a pandemia, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, começou em 2020 e trouxe impactos significativos ao Brasil. Em 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) relacionada à COVID-19. Defendemos que esse elemento demarca uma nova forma de lidar com a dor, não apenas do ponto de vista fisiológico, mas, sobretudo, do ponto de vista psicológico.

Por fim, não objetivamos aprofundar o dualismo existente entre natureza e cultura, deslocando a compreensão da dor do campo das ciências naturais para o campo antropológico, mas sim buscar aproximações entre áreas do conhecimento, a fim de possibilitar novas elaborações e reflexões sobre um conceito unitário do fenômeno. Pois:

“História, fisiologia, imaginário, língua, posição social, valores dominantes e tantas outras coisas, tudo isso age contemporânea e historicamente sobre os indivíduos, plasmando sua percepção da dor e sua resposta a ela, modificando o modo como encaram sua definição, sua importância e sua suportabilidade” (GUERCI; CONSIGLIERE, 1999, p. 65).

1 Overtraining é uma condição que ocorre quando um atleta ultrapassa os limites de sua capacidade de recuperação devido a um treinamento excessivo e/ou insuficiente descanso. Em casos severos, pode levar a um período prolongado de afastamento das atividades esportivas para que o corpo se recupere completamente.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. Esse tipo de pesquisa é característico de um modelo clássico de investigação na antropologia, que se focaliza em uma comunidade não necessariamente geográfica, sendo realizada a partir da observação direta do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo (GIL, 2002). A pesquisa foi composta por algumas matriculadas regularmente no projeto de extensão de futsal feminino ofertada pela UFPB. Tendo como critério de inclusão o mínimo seis meses de prática. Foram selecionadas 10 atletas que se dispuseram a participar da pesquisa de forma espontânea.

Os dados foram coletados durante o mês de junho de 2020, através de uma entrevista semiestruturada (Apêndice I) com oito perguntas subjetivas relacionadas ao objeto de estudo, organizadas e subdivididas a partir das seguintes categorias: I. Perfil sociodemográfico e motivações para a prática esportiva; II. O sofrimento e a dor como forma de expressão da performance no futsal feminino; III. O limiar da dor e suas implicações físicas, emocionais e psíquicas.

Em decorrência do contexto pandêmico da COVID-19, as estratégias e técnicas para a coleta de dados tiveram que ser adaptadas. Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas individualmente de forma virtual, por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas², respeitando as recomendações vigentes dos órgãos de saúde de distanciamento social. Ressaltamos que flexibilizamos/adaptamos os tipos, datas e horários dos recebimentos e envios das mensagens para garantir o conforto e adequação ao contexto de cada participante, podendo ocorrer por meio de textos, áudios ou ligações, todas previamente agendadas de acordo com as disponibilidades.

Quanto à análise dos dados, realizamos a análise do discurso, que, de acordo com Orlandi (1999), permite a categorização dos dados, facilitando a interpretação dos resultados para o leitor. Dito de outro modo:

[...] como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo do discurso observa-se o homem falando" (ORLANDI, 1999, p. 15).

Este tipo de análise não está posto, aqui, como mera transmissão de informações, tampouco pela linearidade dos elementos discursivos da comunicação. Na realidade, trata-se de processos de identificação dos sujeitos, das subjetividades, das argumentações e da elaboração da realidade. O discurso aqui é visto como efeitos de sentidos entre locutores (ibidem).

2 Foi utilizado como ferramenta o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, que permite a troca de mensagens de texto, chamadas de voz e vídeo, bem como o envio de arquivos, imagens, vídeos, áudios e a criação de grupos de conversa.

Com relação aos aspectos éticos da pesquisa, todas as voluntárias foram informadas sobre os objetivos, riscos, benefícios e procedimentos da pesquisa. Nesse sentido, somente foram consideradas como participantes após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I), garantindo-se a elas o sigilo e a confidencialidade das informações individuais, e que apenas dados globais seriam divulgados à comunidade acadêmica e a outros públicos, conforme as normas para a realização de pesquisas com seres humanos e atendendo aos critérios da Bioética do Conselho Nacional de Saúde na Resolução 466/12 (BRASIL, 2013). O projeto de pesquisa foi submetido via Plataforma Brasil para apreciação bioética do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, obtendo parecer favorável, nº 3.477.367 (Anexo III).

Os riscos da pesquisa foram mínimos, relacionados apenas a possíveis constrangimentos ao responder determinadas perguntas durante a entrevista que, porventura, pudessem desconfortáveis. Esses constrangimentos foram evitados pelo pesquisador durante a coleta de dados, por meio de orientações dadas às participantes sobre a garantia da confidencialidade, a explicitação do caráter da pesquisa, a garantia da não obrigatoriedade de todas as respostas e a escolha para permanência ou desistência da pesquisa a qualquer momento.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para a descrição e análise e dos dados, dividimos este tópico com base nas categorias supracitadas. Cada categoria pode ou não conter códigos de análise; estes consistem em subdivisões, com o objetivo de estabelecer recortes e colagens para uma discussão mais aprofundada e organizada de cada elemento. Por questões éticas e de preservação das identidades das participantes, todos os nomes utilizados são fictícios, a saber: Marta, Fernanda, Catarina, Luna, Aline, Patrícia, Tatiana, Mirela, Amanda e Taís.

Categoria I - Perfil sociodemográfico e motivações para a prática esportiva

Esta categoria propõe uma discussão, ainda que de forma tímida, sobre os elementos interseccionais que atravessam cada participante, incluindo aspectos culturais, sociais e econômicos, as singularidades das composições sociodemográficas e as trajetórias e motivações para a prática esportiva. Para tanto, utilizaremos as respostas das seguintes questões do roteiro de entrevista: Caracterização das participantes quanto à idade, gênero, raça, residência, escolaridade e vínculo acadêmico, além de suas motivações para a prática do futsal.

Embora não seja o objetivo central desta pesquisa traçar perfis e elencar características físicas, temporais e geográficas, tampouco analisar os atravessamentos de raça, classe e gênero na (re)construção das identidades das jovens participantes, acreditamos que esse seja um bom começo para conhecê-las minimamente, nos aproximar e dialogar mais de perto com elas, para posteriormente alinhavarmos os elementos que as constituem, as formas que interpretam e refletem o fenômeno da dor e suas implicações/desdobramentos emocionais, físicos e psíquicos.

A pesquisa é composta por dez jovens mulheres atletas de futsal, com idades entre 18 e 26 anos, residentes na cidade de João Pessoa-PB e região metropolitana, autoidentificadas como brancas e negras. Na sua grande maioria, elas possuem vínculos institucionais com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cursos das áreas das Ciências da Saúde, Ciências Exatas, Ciências Humanas e Sociais, sendo que apenas uma delas não possui vínculo com o ensino superior.

A priori, já seria possível, a partir dessas informações, criar imgeticamente e simbolicamente um perfil geral das participantes do projeto de extensão de futsal feminino ofertado pelo Departamento de Educação Física da UFPB. Entretanto, pensamos que esmiuçar essas informações é importante para conhecer e problematizar esses corpos. Ressaltamos que não temos a pretensão de traçar um perfil institucional – não teríamos suporte numérico e estatístico para tal – mas, aqui, enquanto uma pesquisa qualitativa, nos atentaremos às narrativas, histórias e singularidades.

Embora o grupo de participantes esteja representado por pessoas com características diversas, mas com aproximações e distanciamentos, é importante identificar os perfis dos corpos na ocupação dos espaços. Em um grupo de dez jovens, apenas duas são negras e somente uma delas (10%) ocupa o espaço universitário. As jovens não-negras de pele clara (90%) tiveram acesso à educação superior, com a grande maioria nas áreas da saúde (50%), mais especificamente nos cursos de Educação Física e Farmácia, assim como em cursos das Ciências Humanas e Sociais (40%), como Administração, Ciências Contábeis e Gestão Pública.

Não aprofundaremos nessa discussão, mas ela nos suscita pontos de reflexões importantes, como, por exemplo, a disparidade do acesso ao ensino superior brasileiro e sua hierarquização por questões étnico-raciais; além do fato de que mulheres, majoritariamente, ocupam áreas de conhecimento muito específicas, que têm sempre aproximações com o ato de cuidar, saúde e direitos humanos. Nesse sentido, nos faz refletir sobre o controle dos corpos das mulheres e suas feminilidades e como, ao longo da história, essa ocupação de determinados espaços foi associada a estigmas. Assim, é importante problematizar como as preferências quanto à escolha dos cursos foram se construindo ao longo do processo de escolarização dos sujeitos femininos e masculinos, dando origem a áreas demarcadas como mais ‘femininas’, como as ciências humanas e a maior parte dos cursos da saúde, ou mais ‘masculinas’, como aqueles da área das ciências exatas e carreiras tecnológicas (ÁVILA; PORTES, 2009, p. 95).

Destarte, é necessário abranger reflexões sobre como essas regulações controlam as ações, os comportamentos, as escolhas e julgam as subversões e rupturas dos padrões heteronormativos, uma vez que eles colocam:

[...] em ação uma pedagogia bastante sutil e, por vezes, imperceptível do corpo e do gênero. Imagens de uma menina dançando balé e de um menino jogando futebol, por exemplo, estabelecem uma relação em uma prática corporal específica e o gênero; elas constituem campos de possibilidades distintos para eles e elas. Tais distinções estão muito presentes na cultura brasileira nas mais diversas faixas etárias, passando pelos brinquedos e pelas roupas infantis, pelo que é divulgado nas diferentes mídias, pelo que é oferecido e incentivado em termos de experiências corporais. Um conjunto bastante complexo e amplo de práticas, imagens e discursos educa para os esportes, de forma distinta e desigual, meninos e meninas, homens e mulheres (ALTMANN, 2015, p. 31).

Esse endereçamento das práticas culmina em normatizações das ocupações de espaços de acordo com o que é atribuído socialmente a cada gênero, delimitando, por exemplo, o futsal como uma prática estritamente masculina, por ser associada ao contato físico direto, agilidade, força e virilidade. Quando perguntada sobre suas motivações para a prática do futsal, Marta responde:

Porque sou extremamente apaixonada pelo esporte, e praticá-lo me deixa menos ansiosa e mais feliz. Além disso, eu entendo o futsal como um espaço

de luta contra o machismo, porque foi e ainda é (em certa medida) um esporte considerado culturalmente masculino. Acredito que, quando nos colocamos nesse espaço, estamos mostrando que somos capazes tanto quanto os homens" (MARTA).

Vivemos em um mundo machista, com uma cultura pré-determinada pela sociedade, onde a prática do futsal não deveria ser realizada por mulheres. Isso pode trazer dores emocionais, levando a problemas psicológicos maiores. Pois as mulheres que praticam futsal ou futebol sofrem muito preconceito de muitas pessoas de mente pequena" (FERNANDA).

O futsal é visto por Marta e Fernanda como um campo de luta, de ruptura dos padrões heteronormativos, um espaço de conexão e organização dos seus pensamentos e emoções. Como diz Mirela: "é um momento em que me conecto comigo mesma", e é reafirmado por Luna: "é algo que me faz bem tanto fisicamente quanto emocionalmente". Para Catarina, a prática do futsal auxilia na socialização e tem um efeito terapêutico:

No geral, a prática esportiva é como uma terapia para mim. Através do futsal, consigo fugir do estresse diário dos estudos e da rotina, mantenho uma alimentação mais regular e me hidrato com mais frequência. E, não menos importante, é citar que, através da interação que o esporte proporciona, é muito mais fácil interagir com novas pessoas (CATARINA).

É importante destacar as conexões dos efeitos da prática esportiva para elas. Embora o esporte esteja atrelado à performance e ao autodesempenho, ele rompe a esfera meramente metafísica, atravessando aspectos culturais, sociais, emocionais e psíquicos.

Categoria II - O sofrimento e a dor como forma de expressão da performance no futsal feminino

Esta categoria busca compreender e analisar como as participantes entendem e convivem com o fenômeno da dor, bem como as técnicas, estratégias ou dispositivos que são acionados para diminuir essa sensação. Nesse sentido, procuramos identificar nos discursos elementos que fornecessem pistas para a construção de mapeamentos das dores sentidas por elas e sua recorrência durante os treinos e competições.

Antes de analisar o material empírico, é necessário contextualizar que tipo de dores são essas. Para Le Breton (2007), a dor não se limita à fisiologia, às condições meramente biológicas ou às enfermidades visíveis. Ela contém elementos simbólicos, está imbricada na cultura, onde crenças e valores podem ser seus modeladores. Nesse sentido, suas manifestações não podem ser apenas físicas, mas também psíquicas e emocionais. A sensação da dor viaja no tempo e no espaço, (re)construindo-se através das singularidades das experiências e das pluralidades culturais. Assim, todos vivenciam, em algum momento de suas vidas, a sensação de dor, manifestada e sentida de formas diferentes. Ninguém pode fugir da dor, pois, "[...] sem dúvida, a dor é a experiência mais partilhada além da morte: nenhum

privilegiado reivindica ignorância em relação a ela ou se gaba de conhecê-la melhor do que ninguém" (ibidem, p. 23). Contudo, a forma como a sentimos e seus significados são singulares, e é com esse entendimento sobre a dor que seguiremos nossas análises.

Quando perguntadas sobre como entendem o fenômeno da dor, as participantes ofereceram diversas compreensões e maneiras de como as dores podem ser sentidas e como elas se relacionam. Todas essas perspectivas se encontram ao afirmarem que a dor é um sinal do corpo de que algo não está bem, como destaca Patrícia: "Um alarme do corpo para indicar que algo está machucando".

Em consonância:

Algo que causa algum desconforto ao sujeito, seja no campo físico, mental ou emocional. Esses campos se inter-relacionam. Por exemplo, uma dor física pode causar uma dor emocional e vice-versa. Não sei exatamente como ela se configura, se manifesta por meio de algum desconforto em maior ou menor grau, física ou mental, ou ambas ao mesmo tempo (MARTA). Fernanda observa: A dor é um fenômeno de sentir, de perceber que certa parte do corpo está machucada. Acho que é como um aviso de limite, até onde você pode chegar.

O limite descrito por Fernanda atravessa o físico, o emocional e o psíquico. O modo como esses limites emergem e se entrelaçam está relacionado à forma como as dores são sentidas, como os corpos as suportam e, sobretudo, o que as motiva no enfrentamento dessas dores. Dessa forma, elas serão sempre compreendidas de formas subjetivas, costuradas pelos afetos e pelas implicações do sentimento de perda ou derrota (Nasio, 2008). As relações competitivas estabelecidas e performatizadas nas práticas esportivas sugerem que as dores e lesões podem ser fatores preponderantes para o fracasso ou a perda. Nesse sentido, o fenômeno da dor tende a ser naturalizado e tratado como suportável.

Por se tratar de um esporte de alto impacto, é inevitável sentir dores tanto nos treinos quanto nas competições. E, por sempre fazer parte, as atletas precisam aprender a conviver e superá-las, sejam dores físicas ou emocionais. Como Marta relata: "A dor emocional acontece muito quando o rendimento cai e a pessoa sente que regrediu, consequentemente perdendo a motivação. Por isso, temos que aprender a lidar com a dor para não deixar que ela nos abale a ponto de desistir." Tatiana traz outro aspecto importante:

Do ponto de vista físico, é normal sentir dor quando há excesso de esforço durante a prática do esporte. Psicologicamente, também, mas de forma mais negativa, especialmente por causa da dor causada pelo preconceito, assédio e outros traumas estruturais, que fazem imaginar ser algo anormal ver uma mulher jogando (TATIANA)

Os elementos trazidos nos discursos de Marta e Tatiana nos ajudam a refletir como as dores performam entre os limites da perda e da superação. Elas podem indicar exaustão ou o limiar de um esforço, assim como servir de combustível para a transgressão desses limites, que podem ser diversos, marcados por fatores culturais, sociais ou fisiológicos. Mirela

observa: “As dores mostram potenciais de melhora no rendimento esportivo”. Le Breton (2007, p. 112) também reforça que "todas as sociedades humanas integram a dor em sua visão de mundo, conferindo-lhe sentido e até valor, o que muitas vezes desarma sua acuidade".

Quando perguntadas sobre as suas dores e as estratégias utilizadas para torná-las suportáveis, a maioria das participantes direcionou suas falas para dores físicas relacionadas a contatos diretos em quadra, embora tenham mencionado outros tipos de dores em outros momentos da entrevista. Catarina relata: “Na maioria das vezes são dores musculares nos membros inferiores, mas, quando é um dia de treino com marcação mais dura ou de jogo contra outro time, as dores são bem mais relacionadas ao contato”. Marta comenta: "Dor crônica eu sinto na planta do pé, mas já senti na região lombar, no quadril e no joelho."

Sobre as estratégias:

Em competições, a dor é meio que uma inimiga. Fazemos de tudo para nos livrarmos dela: tomamos remédios, usamos gelo, massageamos nossos músculos. Mas, por mais que ela desapareça momentaneamente, para não prejudicar tanto o jogo, ela pode voltar e com um pouco mais de 'raiva' por não ter sido atendida nos primeiros avisos (CATARINA). Não costumo subestimar o meu corpo. Se considero a dor suportável, permaneço em quadra; se não, peço para ser substituída. Agir de forma contrária, além de ser egoísmo, é arriscado, pois a depender da lesão, continuar em quadra pode me trazer maiores problemas físicos. Conheço pessoas que não puderam mais voltar a exercer o esporte por dar pouca atenção às lesões (AMANDA) Tento abstrair e sigo o jogo. Quando não é suportável, saio e procuro ajuda (TAÍS).

O modo como as atletas se posicionam perante a sensação de dor é quase sempre cauteloso, já que a performance é vista como o ponto central, e qualquer ação que a comprometa é evitada. O uso de fármacos e exercícios físicos são constantemente acionados como intervenções essenciais para o controle da dor e a recuperação de traumas.

Categoria III - O limiar da dor e suas implicações físicas, emocionais e psíquicas

Esta categoria é central para entendermos quais são os limiares de dor que as atletas enfrentam, considerando as relações entre performance, lesão e abandono precoce no esporte, e suas implicações físicas, emocionais e psíquicas. Para tal, analisaremos os elementos discursivos apresentados durante as respostas às questões referentes aos graus de suportabilidade das dores, tanto do ponto de vista físico quanto psíquico, como elas se manifestam durante os treinos e como se (re)configuram durante o período de isolamento social provocado pela pandemia de COVID-19.

Nesse contexto histórico, o país enfrentou uma crise política e de saúde pública, com milhões de casos e centenas de milhares de mortes. Trouxe não apenas crises na saúde e na economia, mas também uma profunda sensação de insegurança e medo, especialmente diante

da perda de entes queridos. O elevado número de mortes, a rápida disseminação do vírus e a falta de tratamentos eficazes no início geraram um ambiente de incerteza constante. Resultando, em diversas pessoas, impactos emocionais e psicológicos profundos, como ansiedade, depressão e um sentimento de impotência diante da pandemia. Mesmo não sendo relatado nenhum desses quadros de adoecimento mental pelas atletas, foi possível identificar nuances do impacto do isolamento na percepção da dor e suas implicações nos treinos e na vida fora das quadras.

Quando questionadas sobre a suportabilidade da dor, as participantes relataram:

Acho que cada pessoa tem um limiar de dor. Uns conseguem suportar 'mais' e outros 'menos', apesar de não saber o que é menos ou mais doloroso para alguém. Mas acho que nossas vivências durante toda a vida nos tornam mais ou menos tolerantes (ALINE).

No meu caso, a dor é suportável até o ponto em que não atrapalhe meus movimentos. Se a dor chega a limitar os movimentos, é hora de sair de quadra e analisar o que está causando essa dor (LUNA).

Para mim, a dor é suportável até o ponto em que você não prejudique o seu corpo ou rendimento no jogo. Até porque, se ela persiste com grande intensidade e te atrapalha, é porque quer te dar um aviso. E, no futsal, tem sempre alguém no banco, uniformizada e pronta para entrar no jogo" (CATARINA).

Recorremos aqui a Buytendijk (1951) para considerar essa dimensão da suportabilidade da dor. Ele propõe colocar a questão da dor no campo da experiência pessoal. Isso significa que a dor não se reduz a um produto derivado de explicações objetivas sobre o que se sente. Nesse sentido, é possível interpretar a dor destacando as vivências subjetivas de cada pessoa. Cada indivíduo constrói, ao longo de suas experiências, uma maneira peculiar de suportar a dor. Dito de outra forma, cada ser humano elabora uma forma de dar sentido às suas diferentes situações de desamparo e vulnerabilidade. Assim, a dor não é apenas sentida do ponto de vista sensorial, mas também como uma construção de significado. A dor não é apenas física, ela possui também uma natureza emocional e psíquica, conferindo uma perspectiva existencial única, definida pela maneira singular como cada pessoa encontra meios de suportá-la.

Nesse sentido, o modo como as sensações de dor são acionadas e como construímos nosso limiar de suportabilidade não estão apenas relacionados a fatores bioquímicos, fisiológicos e neurológicos, mas também à forma como atribuímos sentido e significado a essas dores. Quando perguntadas sobre as manifestações das dores durante o isolamento social, as respostas redirecionam as dores para o campo psíquico e emocional, influenciando também as dores físicas.

Como eu não estou me exercitando regularmente, as dores físicas quase não existem mais. Psiquicamente, preciso tomar mais cuidados. Minha semana continua repleta de várias obrigações, mas estou tentando sempre reservar

algum tempo para cuidar das minhas dores, sejam elas físicas ou psíquicas (CATARINA).

Tenho sentido meu corpo mais tenso e menos ágil, com muitas dores de cabeça e no pescoço, principalmente. Apesar de estar me exercitando, não é uma atividade de que gosto muito; o que eu gosto é de praticar futsal, e estou impossibilitada no momento. Isso me deixa bem triste. E, com tudo o que está acontecendo pelo mundo, além de não poder sair, tenho ficado bastante ansiosa, estressada, abatida e angustiada (MARTA).

Meu corpo tem sentido falta da rotina de treinos de futsal e musculação. Comecei a treinar em casa agora, mas passei um longo período parada, e meu corpo sentiu os efeitos: estou cansando mais rápido e a elasticidade já não é a mesma. Embora o corpo sinta bastante, o isolamento social traz muito mais malefícios do ponto de vista psíquico. É complicado ficar tanto tempo isolada, distante de tudo o que fazia parte do nosso cotidiano, e ainda lidar com as emoções, que neste momento estão mais afloradas. Estresses e preocupações têm sido grandes obstáculos para terminar este isolamento de forma 'saudável', física e mentalmente"(LUNA).

Estar em uma situação atípica como a da pandemia de COVID-19 fez com que as dores se apresentassem com novas configurações. Elas sofreram modulações, ganharam novas interpretações e potencialidades, sendo desenhadas e sentidas de formas diferentes. O medo da perda não se limitou apenas às quadras, mas também ao convívio social, à pressão por produtividade/performance no home office e, sobretudo, ao medo da morte. A derrota, a não eficiência máxima causada pelas dores, não se limita mais apenas aos treinos e campeonatos.

A pandemia potencializou significativamente os desafios emocionais e físicos enfrentados pelas atletas. Durante esse período, não apenas novas dores e tensões corporais começaram a surgir, como também efeitos emocionais intensificados foram percebidos, manifestando-se em forma de ansiedade, estresse e uma crescente sensação de impotência diante do cenário de incerteza e medo que permeava o cotidiano. A falta de atividade física regular e de um espaço de socialização saudável levou a um aumento nas dificuldades emocionais, resultando em um estado geral de desamparo que exacerbou ainda mais os desafios já enfrentados. Assim, a Covid-19 não apenas desestabilizou a rotina das atletas, mas também deixou marcas profundas em sua saúde mental e emocional, modulando novas formas de perceberem a dor e elaborando novos sentidos/significados sobre ela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, nos propusemos a romper com os limites estritamente biológicos das análises sobre a dor e suas implicações em atletas de alto rendimento, que, em grande parte dos estudos, consideram essencialmente os fatores fisiológicos e bioquímicos como os únicos determinantes para a mensuração dos limiares da dor e seus impactos. Aqui, consideramos o corpo como uma produção sociocultural e não meramente biológica. Nesse sentido, atribuímos a esta pesquisa a valorização dos atravessamentos culturais, sociais, emocionais e psíquicos da existência humana.

Os resultados alcançados dizem respeito ao entendimento do fenômeno da dor como um fator que modula a nossa existência e vivências. Acreditamos que os objetivos da pesquisa foram contemplados de forma satisfatória e esperamos que os resultados não se limitem apenas a um banco de dados, mas que inspirem a ampliação das perspectivas das pesquisas sobre a dor, atribuindo novos olhares e valorizando as identidades, subjetividades e singularidades dos(as) atletas.

O texto oferece uma reflexão crítica sobre o papel do futsal feminino como meio de resistência e espaço de emancipação, ao mesmo tempo em que expõe as dificuldades enfrentadas pelas atletas, como a tolerância a dor e as desigualdades de gênero. Essa análise evidencia a necessidade de discutir políticas públicas que ampliem o acesso ao esporte, onde as mulheres não apenas exerçam a suas individualidades e capacidades físicas, mas que também reafirmem os direitos sobre seus corpos e escolhas. Esta dimensão do futsal, como espaço de luta contra estigmas e barreiras sociais, reflete uma busca por liberdade e pertencimento em um contexto que ainda marginaliza mulheres em diversas áreas.

As dificuldades enfrentadas, como a tolerância à dor, representam, por outro lado, um reflexo da cultura de sacrifícios que atravessa o futsal feminino, onde muitas vezes os atletas sentiram a necessidade de provar seu valor por meio de resiliência e resistência física. A disposição em suportar dores, sejam elas físicas ou emocionais, indica uma dupla pressão: a exigência de alto desempenho e a constante necessidade de se legitimarem como praticarem um esporte que, na percepção de muitos, não deveria ser "espaço" para mulheres. Isso levanta questionamentos sobre como essas práticas esportivas poderiam ser mais inclusivas e acolhedoras, com apoio que permita às atletas um desenvolvimento saudável e equilibrado.

Também buscamos nesse texto explorar como a pandemia de COVID-19 acentuou os desafios emocionais e físicos enfrentados pelas atletas de futsal. Com a suspensão dos treinos e competições, o isolamento social e a falta de uma rotina regular de exercícios impactaram profundamente o bem-estar das participantes. Durante esse período, surgiram novas dores e tensões corporais, mas, sobretudo, emergiram efeitos emocionais intensificados pela ansiedade, estresse e sensação de impotência diante do cenário de incerteza e medo. A ausência do esporte e das interações sociais não apenas limitou a prática esportiva, mas afetou diretamente o estado psíquico dos atletas, gerando uma queda na equilíbrio emocional.

Para algumas das atletas, como observado ao longo da pesquisa, a prática do futsal funcionava como um canal de expressão, rompimento de desafio e fonte de saúde mental, e o rompimento dessa atividade regular feria impactos profundos. A perda da rotina e do suporte emocional e social que o futsal oferece tornou o período da pandemia especialmente desafiador, trazendo à tona a importância do esporte como um espaço não só de resistência, mas de suporte e pertencimento.

5 REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. B. Educação física escolar: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.
- ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior. *Mal-Estar e Sociedade*, Barbacena, ano II, n. 2, p. 91-106, Jun. 2009.
- BONI, V; Quaresma, J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>. Acesso em: 05 outubro 2019.
- BUYTENDIJK, F. J. J. De la Douleur. Paris, Presses Université de France, 1951.
- COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. *Caderno de pesquisa em administração*, São Paulo, V.1, nº 11, 1º TRIM./2000.
- GARNICA, A. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface — Comunicação, Saúde, Educação*, v.1, n.1, 1997.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002
- GUERCI, A; CONSIGLIERE, S. Por uma antropologia da dor. *ILHA*. Florianópolis, n. 0, Outubro 1999, p. 57-72.
- LE BRETON, D. Compreender a dor. 1 ed. Cruz Quebrada: Estrela Polar, 2007.
- MOURA, P; SILVA, E; SILVA, P; FREITAS, C; CAMINHA, I. O significado da dor física no esporte de rendimento. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 1005-1019, out./dez. 2013.
- NASIO, J.-D. A dor física: uma teoria psicanalítica da dor corporal (A. Telles & L. Magalhães, Trans.). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- RUBIO, K. A dor entre atletas de alto rendimento. *Rev. bras. psicol. esporte* v.3 n.1 São Paulo jun. 2010.

SILVA, E; RABELO, I; RUBIO, K. A dor entre atletas de alto rendimento. Rev. bras. psicol. esporte v.3 n.1 São Paulo jun. 2010

6 APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice I: Roteiro de entrevista semiestruturada

Categorias de análise

Categoria 1 - Perfil sociodemográfico e motivações para a prática esportiva

Perfil sócio demográfico

Idade:

Gênero:

Raça/etnia:

Onde reside:

É estudante? Qual curso e instituição?

1ª) Quais são as suas motivações para a prática do futsal?

Categoria 2 - O sofrimento e a dor como forma de expressão da performance esportiva

2ª) Como você entende o fenômeno da dor? Como ele se configura?

3ª) Você acredita que a dor faz parte da performance do futsal? Por quê?

4ª) você sente alguma dor em decorrência da prática do futsal? Onde?

5ª) Como você enfrenta ou lida com a dor durante treinos e competições?

Categoria 3 - O limiar da dor e suas implicações físicas, emocionais e psíquicas

6ª) Até que ponto uma manifestação de dor é suportável? O que a faz ser suportável?

7ª) O que te motiva a permanecer no futsal mesmo sentindo dores?

8ª) Qual o impacto que o isolamento social, provocado pelo coronavírus, teve em seu corpo, considerando as dores do ponto de vista físico e psíquico

Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título: O LIMIAR DA DOR E SUAS FORMAS DE TOLERÂNCIA NO FUTSAL FEMININO

Caro participante,

O estudante do Curso de Bacharelado em Educação Física, **Jacson de Jesus da Silva** da Universidade Federal da Paraíba, pretende realizar um estudo com as seguintes características: o objetivo geral se trata de analisar as percepções e limiares que os atletas

possuem sobre o fenômeno da dor do ponto de vista físico e psíquico, considerando as relações entre performance, lesão e abandono precoce no esporte. Solicitamos a sua colaboração para participar da coleta dos dados através do consentimento de uma entrevista a ser realizada de forma individual, também é solicitada a sua autorização para que os dados possam constar em uma monografia de conclusão de graduação em Educação Física. Além disso, pedimos autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que os benefícios do estudo serão elevados e estarão relacionados com a ampliação das perspectivas das pesquisas sobre a dor, atribuindo novos olhares, valorizando as identidades, subjetividades e as singularidades dos atletas, além de contribuir para o crescimento de pesquisas nesta área. Os riscos da pesquisa serão mínimos e relacionados com possíveis constrangimentos ao responder a entrevista, que serão minimizados pelo pesquisador na coleta de dados através de orientações aos participantes sobre a melhor forma participação na pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo no programa de extensão da UFPB

Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento livre e esclarecido para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante

Contato com o Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador Jacson de Jesus da Silva - Telefone: (83) 9 9695-2155.

Endereço: Castelo Branco, s/n. Campus Universitário. Departamento de Educação Física.

ou

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS – UFPB

Endereço: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791

Atenciosamente,


Assinatura do Pesquisador Responsável

Anexo II: Declaração de participação em grupo de pesquisa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LAISTHESIS – LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE CORPO, ESTÉTICA E
SOCIEDADE**

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que Jacson de Jesus da Silva, matrícula 20180176349, foi membro, de 01/08/2019 a 31/07/2020, do LAISTHESIS – Laboratório de estudos sobre Corpo, Estética e Sociedade, laboratório devidamente cadastrado no CNPQ e sob a minha coordenação. Destaco que durante esse período o referido aluno foi meu bolsista PIBIC.

 Documento assinado digitalmente
IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA
Data: 15/10/2024 07:56:43-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dr. Iraquitán de Oliveira Caminha

João Pessoa, 15 de outubro de 2024

Anexo III: Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 3.477.367

tomadas todas as medidas para não expor os nomes dos participantes, como também o local e horário reservado para a entrevista individual. Quanto aos benefícios, os autores indicam que o aumento na reflexão sobre o tema será o grande benefício da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa com 25 participantes (alunos) de um projeto de ginástica artística da UFPB. Portanto, a pesquisa será composta por alunos matriculados regularmente no projeto de extensão de ginástica artística ofertado pela UFPB, e que tenham no mínimo seis meses de prática. Os dados serão coletados através de entrevista semi-estruturada realizada individualmente com cada participante da pesquisa, e para a gravação das falas será utilizado um gravador de voz de um aparelho celular. Quanto à análise dos dados, será realizada uma investigação do tipo fenomenológica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos e documentação obrigatória apresentados.

Recomendações:

Sem recomendações a fazer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O pesquisador responsável encaminhou Emenda, apresentando as seguintes justificativas: "O desenvolvimento de nossa pesquisa sobre a dor do esporte nos revelou dados importantes sobre as relações entre desempenho, dor e permanência no esporte no campo de respeito à vida. Todavia, sentimos a necessidade de ampliar as discussões incorporando outros esportes. Nesse sentido, estudar os atletas de futsal e lutas será a oportunidade de considerar o limiar dor num cenário em que os atletas têm um contato mais direto com os adversários. Isso possibilitará numa nova perspectiva de estudo, valorizando o atleta num campo performático em que ele joga com bastante contato corpo-a-corpo com os adversários, diferente de nosso estudo anterior com a gestáltica artística".

Tendo em vista que o referido pleito, não compromete em nada a execução do presente estudo, somos de parecer favorável ao ora requerido, salvo melhor juízo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 3.477.367

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1349376_E1.pdf	15/07/2019 10:50:29		Aceito
Outros	cartarespostaaoccep.docx	15/07/2019 10:50:09	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_Pesquisador.pdf	14/06/2018 22:14:27	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito
Outros	Carta_de_Anuencia.pdf	14/06/2018 22:12:33	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.docx	09/05/2018 16:18:42	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito
Outros	Roteiro_da_Entrevista.docx	08/05/2018 11:18:39	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_Instituicao_e_Infraestrutura.docx	08/05/2018 11:13:55	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.docx	08/05/2018 11:10:44	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	08/05/2018 11:07:19	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	08/05/2018 11:06:56	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	08/05/2018 11:06:25	Iraquitã de Oliveira Caminha	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 31 de Julho de 2019

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Anexo IV: Normas da revista



[Início](#) / [Submissões](#)

Submissões

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso. [Acesso](#) em uma conta existente ou [Registrar](#) uma nova conta.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

- ✓ A contribuição deve ser original e inédita e não estar sendo avaliada para publicação por outras revistas.
- ✓ Os arquivos para submissão devem estar formatados conforme as orientações descritas nas "DIRETRIZES PARA AUTORES", dos itens 1 a 11, disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/about/submissions#authorGuidelines>
- ✓ A Pensar a Prática avaliará simultaneamente até 2 artigos do mesmo autor/coautor. Caso esse limite seja extrapolado a nova submissão será arquivada sem apreciação de mérito.

Diretrizes para Autores

DIRETRIZES PARA A PREPARAÇÃO DO ARTIGO

1. Foco da Revista

Pensar a Prática publica artigos relacionados ao campo acadêmico-profissional da Educação Física. É editada sob a responsabilidade institucional da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás com publicação em fluxo contínuo e as submissões podem ser realizadas a qualquer tempo, em sistema de demanda contínua.

2. Política de Seção